

A INDUSTRIALIZAÇÃO DO BRASIL ANTE A NOVA DIVISÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO¹**Marcelo Arend**

Professor adjunto do Departamento de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Pesquisador visitante no Programa Nacional de Pesquisa para o Desenvolvimento Nacional (PNPD) do Ipea.

E-mail: marcelo.arend@ufsc.br

O Brasil apresentou queda permanente no produto manufatureiro global desde a década de 1980, quando detinha 2,61%, chegando em 2010 com uma participação de 1,83%.

Tanto a participação do emprego industrial quando a participação da indústria no PIB apresentam queda permanente, confirmando a ocorrência do fenômeno da desindustrialização no Brasil.

Da análise realizada foi possível classificar o desempenho industrial das economias capitalistas, nos últimos quarenta anos, em três grandes grupos, a saber: em processo de desindustrialização natural, em processo de desindustrialização precoce e em processo de industrialização. Essa classificação esteve relacionada com o desempenho da participação da manufatura no PIB e o PIB *per capita*.

Em relação ao Brasil, inicia seu processo de desindustrialização em meados da década de 1980 com um nível de renda *per capita* inferior a US\$ 4.000. Pode-se afirmar pela precocidade do fenômeno, pois, por exemplo, o PIB norte-americano correspondia a US\$ 20.000 quando a participação da manufatura no PIB iniciou seu declínio abaixo de 25%, em 1970. Isso quer dizer que o Brasil iniciou seu processo de desindustrialização com um PIB *per capita* equivalente a 20% do PIB *per capita* dos Estados Unidos, quando este país iniciou seu processo. No ano 2000, quando a participação da manufatura no PIB norte-americano chegou ao nível de 15%, seu PIB *per capita* era de US\$ 40.000. O Brasil teve uma queda sustentada da participação da manufatura no PIB até 1998, quando esta chegou também ao patamar de 15%. Todavia, nesse ano o PIB *per capita* brasileiro era de US\$ 4.300, o que correspondia a pouco mais de 10% do PIB *per capita* dos Estados Unidos, quando este país

atingiu o mesmo grau de desindustrialização. Nesse sentido, ao longo do processo de desindustrialização brasileiro o país apresentou uma defasagem de aproximadamente 50% de seu PIB *per capita*, em relação ao crescimento da renda dos Estados Unidos.

Para captar melhor processos de industrialização/desindustrialização relativa, em termos globais, elaborou-se o Indicador de Desindustrialização Relativa Internacional (DRI). O DRI é capaz de captar ao longo do tempo processos de industrialização e/ou desindustrialização relativa em termos globais.

O Indicador de Desindustrialização Relativa Internacional (DRI) apresenta as seguintes características:

- DRI >1 = crescimento relativo do país maior. Ou seja, em termos relativos, o país está se industrializando a uma taxa mais elevada que o país/região referência.
- DRI <1 = crescimento relativo do país menor. Ou seja, em termos relativos, o país está se desindustrializando em relação ao país/região de referência.

O Brasil não se desindustrializa internacionalmente no período pós-1980 apenas em relação ao mundo. Excluindo o "efeito Asia" da análise, percebe-se que nas últimas três décadas o Brasil apresentou um *falling behind* manufatureiro. A desindustrialização relativa brasileira no período deu-se em relação às economias desenvolvidas, consideradas na literatura especializada como economias que alcançaram a maturidade industrial já na década de 1970, e, portanto vem passando por um processo de desindustrialização considerado natural, com elevado nível de renda *per capita*. O Brasil também se desindustrializa em relação a economias em desenvolvimento consideradas pouco dinâmicas, como as da Oceania e africanas.

1. Trabalho elaborado com informações disponíveis até julho de 2013.

No Brasil, o grupo das *commodities* industriais é o que detém a maior participação na estrutura industrial brasileira (33%) no ano de 2010, além de apresentar tendência de ganhos de participação desde o ano 2000. Na segunda posição encontra-se a indústria tradicional intensiva em mão-de-obra (30%). Juntamente com o grupo das *commodities* agrícolas, estes três grupos industriais correspondiam em 2010 a aproximadamente 74% do parque industrial brasileiro, indicando elevada especialização produtiva do Brasil em setores intensivos em mão-de-obra e em recursos naturais. O grupo que corresponde aos setores intensivos em tecnologia típicos do paradigma fordista (metal-mecânico-químico) chega ao ano de 2010 com uma participação de 23%, também com tendência a elevação desde 2007. Já o grupo que corresponde aos setores industriais intensivos em tecnologia do paradigma microeletrônico (complexo eletrônico) registra uma participação de apenas 2,4% na estrutura produtiva no ano de 2010, além de apresentar tendência a queda de participação.

O Estoque de IED na indústria brasileira nos anos 1995, 2000 e 2005 não está concentrado nos setores intensivos em tecnologia do paradigma microeletrônico. Portanto, o capital estrangeiro pouco contribuiu para alterar a estrutura produtiva nacional no período da globalização. O estoque de IED no Brasil concentra-se, sobretudo nos setores relacionados ao paradigma fordista, a *commodities* intensivas em capital e na indústria intensiva em recursos naturais.

Em relação ao padrão estrutural do comércio exterior da indústria brasileira, os maiores *superávits* comerciais ocorrem no grupo da indústria intensiva em recursos naturais. Em geral, ao longo do período 1996-2012, foram os sucessivos e crescentes saldos comerciais do grupo intensivo em recursos naturais que sustentou o comércio exterior da indústria brasileira em sua totalidade, pois principalmente a partir do ano 2007 todos os demais grupos industriais registraram saldos negativos em seu comércio exterior. O grupo dos setores industriais intensivos em tecnologia do paradigma microeletrônico (complexo eletrônico), dentre todos os grupos em análise, é o que apresenta a menor corrente de comércio, esta constituída na sua maior parte pelas importações, pois suas exportações no período recente são praticamente nulas.

Conclui-se pelo caráter restringido grau de inserção da indústria brasileira nas novas tecnologias ancoradas na microeletrônica. É o grupo industrial que apresenta o menor crescimento da produtividade do trabalho, a menor participação percentual na estrutura produtiva, o menor grau de adensamento produtivo e a menor corrente de comércio.

SUMÁRIO EXECUTIVO